

Recebido: 24/08/2018
Aprovado: 25/02/2019

A POESIA DOS MALDITOS

Jefferson Henrique CIDREIRA¹

Quando a humanidade deixou o amor?
Quando o egoísmo cresceu, restou?
Eu era, hoje já não sou
O tempo, a era, que no esquecimento o amor aprisionou

Nas lembranças mais remotas
Que a tristeza dominou
Agora resta a erva
De onde a dor brotou

O ser já não é
Vagueia pela cidade
Buscando o ter
Enriquecendo a vaidade

O id(e) já não tem mais o seu senhor
O juiz(o) que o controla
Os passos onde a moral foi sepultada
Restando à humanidade vidas ceifadas

Vidas sem valor, o outro é o outro
Não sou eu, nunca sou
Desapropriando os lugares de outrem
Na própria arrogância a morte do bem

Um existencialismo sem esperança
Vendo sangrar a condição humana
Um morto-vivo que caminha sem norte
O próximo jogado a mercê, à própria sorte

O outro igual a mim que clama
Igual a mim? Se engana
“Eu sou único, não há outros para mim
Meu desejo (im)puro de ter tudo
E de nada repartir”

¹ Poeta e escritor; Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre- UFAC, e discente do doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia- UNIR.

Email: jeffersonhenriquecidreira@gmail.com

CIDREIRA, Jefferson Henrique. A poesia dos malditos. In: *Revista Falas Breves*, no. 6, março de 2019, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069

Assim a humanidade caminha
Passos largos à destruição
O abismo que não veem
Passos para a morte, perdição

As almas que já não existem
Que se esvaíram de quase toda humanidade
Trancafiadas no calabouço da soberba e do ódio, onde pune a bondade

As minorias são maioria
A maioria minoria é
À margem, com fome e sede
A esperança que mau-me-quer

E a herança do colonizado
O colonizador que ainda ficou
No sangue de muitos
De colonizado transmutou-se em colonizador

Mas com discursos camuflados
Atuando meu senhor
Prega a decolonialidade
Bem-viver, o amor

Mas no peito que branda
A poesia dos malditos
Minha sina que transcorre
O caminho do teu suplício

Que martiriza minha alma
Que coloniza meu psiquê, meu físico
Nas noites solitárias
Minha alma grita
Transcendendo teus muros, labirintos.